

História, Memória e Práticas de Espaço

Profa. Dra. Regina Beatriz Guimarães Neto (UFMT)

O presente trabalho reflete sobre a questão da memória na construção da narrativa histórica, como esta participa da articulação dos eventos do passado e institui recortes espaciais e temporais. As práticas de espaço tornam-se referências fundamentais na análise da produção discursiva do passado, entendendo que todo relato de memória é um relato de percurso. Nesse sentido, os espaços não são anteriores as práticas que os produzem, pelo contrário, são elas, as práticas, que lhes conferem significado¹.

A base teórica e metodológica para o desenvolvimento deste texto parte de pesquisas que focalizam as cidades que surgiram na parte norte de Mato Grosso, entre 1970 e 2000. São analisados, sobretudo, os relatos de memória que assinalam as práticas sociais constitutivas dos novos espaços, indissociáveis dos deslocamentos de diversos grupos provenientes de todas as regiões do Brasil em direção a Amazônia.

Documentos diversos, sobretudo registros da imprensa, relatos orais, processos-crime, indicam práticas sociais determinantes da produção desses novos espaços urbanos, que articulam experiências significativas, considerando as relações entre os diversos grupos, bem como as estratégias individuais e coletivas.

As narrativas que descrevem lugares – relatos cotidianos – representam um grande *corpus*. Na prática da pesquisa foram selecionados relatos de natureza diversa, um trabalho de investigação que utiliza a memória oral dos habitantes das cidades, notícias e artigos de jornais e registros policiais. Histórias que concorrem para a composição dos quadros e das cenas urbanas².

Os relatos diversos podem ser estudados como *narrativas da cidade*, dando inteligibilidade a acontecimentos múltiplos vivenciados pelos moradores em seu cotidiano. As narrativas, como obra da imaginação criativa, de forma muito própria, representam as marcas da experiência temporal – o desenvolvimento das ações humanas no tempo histórico –, assinalando, nesse sentido, a reciprocidade entre narratividade e temporalidade, tão cara à análise de Paul Ricoeur, desenvolvida em *Tempo e narrativa*³. Segundo este autor: “(...) o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal.”⁴ Pelo fato de serem narrados, os acontecimentos encontram-se vinculados à compreensão narrativa, o que nos leva a procurar melhor entender “(...) a operação que unifica numa ação inteira e completa a diversidade constituída pelas circunstâncias, os objetivos e os meios, as iniciativas e as interações, as mudanças de sorte e todas as conseqüências não desejadas surgidas da ação humana.”⁵ Operação de síntese, portanto, a narrativa reúne, numa história completa, de forma alguma inocente, os acontecimentos dispersos e vários tipos de ações, planejadas e inesperadas, dando a eles significados precisos. Logo, as histórias relatadas, utilizando as figuras e os procedimentos da narração, expressam o tempo vivido e nos conduzem ao jogo das experiências sociais.

Mediante essas considerações, destaca-se a importância do ato de narrar como prática discursiva que tem um papel fundamental na produção e reconhecimento dos códigos sociais, impressos nos registros de memória dos diversos grupos. Desse modo, busca-se refletir sobre as *novas* cidades e o que oferecem como produção de identidade (produção de poder), determinada por interesses políticos, econômicos e culturais.

Ao refletir sobre este aspecto fundamental, deseja-se assinalar como as narrativas representam imagens portadoras de signos do passado e do futuro, segundo linhas múltiplas do tempo, que se entrelaçam às tramas da vida urbana; e descrevem e refiguram os espaços das cidades em sua vivência cotidiana, tensa, fragmentada e descontínua. Paul Ricoeur, em obra

mais recente, *La mémoire, l'a histoire, l'oubli*, sublinha que uma cidade confronta no mesmo espaço temporalidades diversas, trazendo inscrita e sedimentada uma história multicultural, que pode, ao mesmo tempo, se dar a ver e a ler.⁶ As práticas de espaço, nessa perspectiva, tornam-se traços visíveis – coexistindo com os invisíveis – ganhando legibilidade no texto da cidade.

Essas noções orientam a análise dos relatos em sua diversidade, tecendo os lugares através dos percursos dos seus moradores, impressos nos traços da memória, desenhando cenas urbanas. No conjunto das narrativas, destaca-se, portanto, o tempo denso das memórias, composto em várias temporalidades que se estendem e se envolvem umas às outras, e os relatos de percurso que circunscrevem os espaços habitados.

Valendo-se de várias histórias e práticas cotidianas, tecidas nos meandros dos diversos atos e gestos dos personagens que habitam a cidade, pode-se observar como os relatos emitem signos que não se reduzem a coisas e objetos. Ou como observa Michel de Certeau: “(...) no relato não se trata mais de ajustar-se o mais possível a uma ‘realidade’ (uma operação técnica, etc.) e dar credibilidade ao texto pelo ‘real’ que exhibe. Ao contrário, a história narrada cria um espaço de ficção.”⁷ Portanto, não se trata de um retorno à fidedignidade da descrição (história-narrativa), mas de relatos-fragmento que relêem e reescrevem as várias notícias e absorvem as conversas que trazem os pontos de vista individuais e coletivos, assim como as memórias apreendidas nas histórias de vidas. Diante disto, as análises procuram refletir sobre os inúmeros movimentos trazidos nos relatos do dia-a-dia dos moradores das cidades, em sua forma ligeira, criativa e aparentemente descompromissada, que se expressa tanto nas observações agudas e subjetivas, como na relevância dada a certos acontecimentos selecionados para representar a memória coletiva.

Não se pode deixar de observar ainda que, nos meandros das notícias e comentários dispersos, nos trechos de memórias e nas histórias anônimas, encontramos modos de racionalidades indicativos dos comportamentos sociais. Nesse sentido, a importância dos

relatos se dilata quando se apresentam como testemunhos do tempo vivido e passam a ser vistos de forma crucial para a produção da memória e das identidades sociais, comentando e recriando os acontecimentos. Dessa forma, a memória narrada como testemunho apresenta indícios de uma rede de relações históricas que lhe confere sentido e a projeta em sua dimensão social. Assim, um dos aspectos mais importantes dessa incursão pelos vários relatos é o de também permitir a emergência de outras leituras das configurações sociais, considerando as relações entre os diversos grupos e as estratégias individuais e coletivas como referências significativas. No que tange a este texto, um dos motivos é demonstrar que, no universo inédito dos relatos – notícias e comentários, memórias, registros orais e escritos – manifestam-se olhares múltiplos sobre as *novas* cidades da Amazônia.

Descrever, contar, lembrar...

Os relatos orais ocupam o seu papel crucial na história das cidades, tecendo a memória através das linhas do tempo e dos espaços vividos, representados como sinais reveladores da sua existência, tal como é lembrada. Existência esta que não pode ser pensada tendo por referência uma totalidade prévia ou um contexto uno, porque as descrições longe de fixarem espaços e lugares, os recriam culturalmente. Nos mesmos lugares e nas mesmas cidades os contextos são múltiplos, marcados pela variedade das experiências, acontecimentos e, sobretudo, pontos de vista. É assim que os relatos dos narradores representam situações inusitadas e reveladores de personagens. O que nos auxilia a pensar em termos de composição de tempos e espaços, quando a vida nas cidades oferece várias faces e outros tantos modos de contá-la.

Estas reflexões apresentam-se como resultado de indagações e problemas que foram surgindo no decorrer da pesquisa realizada sobre as novas cidades de Mato Grosso. Questões fundamentais que permitiram articular a diversidade das experiências como práticas sociais,

analisando as narrativas dos moradores num tempo simultâneo e em espaços múltiplos; e, também, delineando as práticas mescladas com tempos e espaços passados, representados como tais. Assim, o trabalho com os relatos movimentava e realizava uma cartografia dinâmica dos espaços das cidades, como se pode observar nos fragmentos apresentados:

Tinha muita briga entre as duas famílias (Varejão e a turma do Lúcio Ferro), que era bem de jagunço naquela época. Um período muito violento de Juína. E ali se misturavam Lúcio Ferro e Varejão, e você ficava numa tensão violenta. E quantas vezes eles – meus menino – vir trabalhar de manhã e encontrar cadáver no meio da rua... Certa vez na Avenida, mais precisamente na Avenida Mato Grosso, um tiroteio violento, que a cidade inteira parou, e todo mundo correu pra se abrigar, então nesse dia eu fiquei apavorada... Essa época era muito violenta.⁸

Os grupos armados – bandos de jagunços – eram parte integrante da política exercida pelos grandes proprietários de terras, e aparecem dominando locais de passagens, interditando ruas e avenidas. Os relatos orais sobre os começos das cidades não deixam de referir-se aos combates armados de grupos que disputavam terras, ocupando lugares centrais nos espaços em construção.

Por outro lado, também, surgem comentários de moradores sobre a situação de grupos de homens, sem trabalho, que viviam nessas cidades, como Juína, Alta Floresta, Vila Rica, no norte de Mato Grosso, provenientes dos garimpos, dos roçados e derrubadas de matas, e que, ainda, sinalizam sobre o trabalho das mulheres, no campo e na cidade, demarcando presenças e espaços:

(...) em Juína eu acho que as mulher trabalha mais que os homem. É verdade! Eu assunto aqui na rua mesmo, na avenida, lá nos barzinho, tem homem que dá medo! Ninguém vê uma mulher ali conversando, contando causo. Os homem tudo sentado nos

banco, cadeira, batendo papo! Onde é que tá as mulher? Trabalhando! Se não é nos serviço da casa, é empregada doméstica, é vendendo as coisa nas ruas, se virando!⁹

Da mesma forma, pode-se contar com relatos que falam sobre os “primeiros tempos”, com as presenças dos carpinteiros, com as construções das casas e alojamentos, estabelecendo inúmeras associações:

Era a falta d’água na cidade. Água encanada ninguém tinha. Então quando acabava o serviço de casa – meio dia já tinha lavado a louça –, era um “barraquinho” que a gente morava, não tinha casa para zelar... Aí juntava a “trouxa”, aquela mulherada e gritava uma com a outra: vamos descer! Vamos descer! Então, era uma sensação gostosa, de estar no meio daquela mulherada. Era mulher nova, mulher velha, todas as idades tinham ali dentro! Lavando roupa! A água oferecia conforto para a gente. Enquanto na cidade ninguém tinha energia, ninguém tinha assim bastante água boa, né. E o rio era tão próximo da cidade! Ali era um ponto turístico para as primeiras moradoras. Ali, com aquela mulherada, saía de tudo, falava do passado, do presente, do futuro. Falava da saudade! Foi maravilhosa a vida naquele tempo!

A memória da necessidade da “água boa” transfigura-se nas imagens da saudade e da presença em meio a lugares que salientam os espaços de vivências comuns. Práticas que propiciavam a socialização dos enfrentamentos cotidianos, encontros em que as mulheres partilhavam as separações passadas e presentes e transformavam a matéria da vida em experiência. O “conforto da água” possui valor pelo que envolve: paisagens, encontros e espaços transformados em lugares.

Em outro fragmento, para representar o tempo-que-passa velozmente os moradores das cidades recorrem aos signos sensíveis da memória: a cidade, em seus inícios, está associada às batidas dos martelos:

Eram as construções, na época. Só se ouvia o barulho do martelo o dia todo, aquele barulho de martelo! Então o vizinho martelava, nós aqui e outros ali martelavam! Então você ouvia o som do martelo na cidade, até a noite! Aquilo o povo anoitecia martelando e quando eram 5 horas da manhã a gente acordava com o barulho do martelo trabalhando.¹⁰

Ora no movimento do aparecimento das casas e dos moradores, ora nas mudanças das paisagens, o tempo se desdobra e se multiplica em imagens que desenham os espaços da cidade:

Ali onde está o Cidetran hoje tinha um pé de coco, a gente via os coco cair, daqui de casa a gente via os coco caírem, os pedreiros falavam assim: - Aqueles coco caiu, os bichinhos estão lá comendo, nós vamos lá buscar, nós vamos lá e você coloca a água pra ferver. Antes de a água ferver a gente ouvia o tiro. Porque era só atravessar e chegava ali no mato. Ali! Era mato em pé! Eu vi derrubar aquele mato, eu vi as árvores caindo... Os pedreiros matavam bicho no mato todo dia para fazer aquelas paneladas de carne. Era a maior fartura! Era cotia, era paca, era veado, era anta!¹¹

Descrições que reforçam a idéia mítica da abundância da “nova terra”, com uma fauna e flora exuberantes. Porém, nada nesse universo segue ajustado a uma só visão. Predominam as experiências polimórficas, o contraste entre os momentos iniciais dos pistoleiros e jagunços contratados por grandes proprietários e a vida que sinaliza o tempo das construções, em que a materialização da cidade rompe com o tempo da natureza: “eu via as árvores caindo...” É perceptível nessas narrativas o universo das ações cotidianas que expressa, apreendido no detalhe miúdo, o tempo pessoal da vida de cada um misturado aos locais comuns de encontro, às ruas, praças e aos múltiplos caminhos. Diversas trilhas da memória que fragmenta o tempo e capta o movimento de mulheres e homens que se abrigam nos bairros e que, muitas vezes,

aparecem anonimamente nas esquinas e nos trajetos diários. Descrevem a cidade através dos passos de seus transeuntes. Espaço e tempo se deslocam nessas diversas visões que, contendo os percursos dos moradores, não só produzem uma cartografia dos espaços praticados que surgem das lembranças, mas trazem o tempo multiplicado e envolvido na vida da cidade¹².

Os narradores, nas conversas, nas pequenas notícias e nas memórias, assinalam o trabalho do tempo nos espaços da cidade e as suas transformações materiais e sociais. Inscrevem, assim, através dos relatos, a sua participação na invenção das cidades, que levam os vestígios de seu viver, percebidos muito menos nos “espaços objetivos” do que naquilo que está poeticamente implicado¹³. Os relatos que circulam pelas novas cidades despertam palavras e imagens que possibilitam produzir uma outra compreensão sobre os novos espaços sociais nas áreas de ocupação recente na Amazônia, um mundo que contém a representação do *Eldorado*, desenhado pelos constantes deslocamentos territoriais de homens e mulheres pobres no Brasil.

NOTAS

¹ Cf. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. I - Artes de fazer*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.

² Foram selecionados relatos orais e escritos que versam sobre as cidades de Juína, Alta Floresta e Vila Rica, oriundas dos chamados *projetos de colonização*, em Mato Grosso (território amazônico). Alta Floresta, extremo norte do estado, e Vila Rica, na parte nordeste, foram cidades planejadas pela iniciativa privada; já a cidade de Juína, localizada a noroeste do estado, foi planejada pela iniciativa pública, coordenada pela CODEMAT (Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso).

³ Tomos I, II e III. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994/1995/1996.

⁴ *Tempo e narrativa*, tomo I, p. 15.

⁵ *Ibidem*, pp. 10-11.

⁶ *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000, p. 187.

⁷ *A invenção do cotidiano. I - Artes de fazer*. p. 153.

⁸ Relato de Joana D'arc André a Nilcéia Terezinha Dal Bó, sob minha orientação, Juína (MT), 2000.

⁹ Relato de D. Isaltina dos Santos. Entrevista concedida em Juína (MT), 2000.

¹⁰ Relato de D. Aparecida Dias. Entrevista realizada por mim e Márcia Alves Santos, Juína (MT), 2000.

¹¹ Idem.

¹² Cf. GUIMARÃES NETO, Regina B. Personagens e memórias: territórios de ocupação recente na Amazônia. In: CHALHOUB, Sidney. *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Editora da Unicamp, 2005.

¹³ Padres e artesãos: narradores itinerantes. *História Oral*, São Paulo, Associação Brasileira de História Oral, n. 4, p. 53, jun., 2001.